

## IMAGENS DOS CAPUCHINHOS NO CONGO E ANGOLA

FROMONT, Cécile. *Images on a Mission in Early Modern Kongo and Angola*. Philadelphia: Penn State University Press, 2022. 336 p.

**P**ublicado em 2022 pela Penn State University Press, *Images on a Mission in Early Modern Kongo and Angola*, de Cécile Fromont, recebeu, em 2023, o “Gustav Ranis International Book Prize”, tendo sido, no mesmo ano, finalista de mais dois prêmios de literatura acadêmica: o “College Art Association’s Charles Rufus Morey Book Award” e o “American Academy of Religion and the Arts Book Award”. Tais distinções apontam para a qualidade do livro e já instigam o leitor a empreender sua leitura, até esse momento disponível, infelizmente, apenas em inglês, pois merece tradução no Brasil ou em Portugal por sua importância para o estudo do Império Ultramarino português na era moderna. A autora adota uma perspectiva de análise transversal que interessa

a várias áreas, com destaque para a história do colonialismo moderno, da África, da arte e da religião.

O objetivo geral de *Images on a Mission in Early Modern Kongo and Angola* é lançar nova luz sobre a África central no período moderno e, mais especificamente, sobre a atuação de missionários capuchinhos nessa região, tema ainda pouco estudado. Para tanto, Fromont apresenta e analisa um conjunto de imagens dos atuais Congo e Angola, produzidas entre os séculos XVII e XVIII, no contexto das missões de conversão ao catolicismo empreendidas na região pelos capuchinhos. A Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, um dos ramos da família franciscana, estava subordinada à *Propaganda Fide*, órgão da Cúria romana encarregada da

propagação da fé católica no ultramar que, naquele período, enviou várias missões de conversão para a África. Durante e após sua atuação, vários desses missionários produziram escritos, muitos deles acompanhados de imagens, que visavam instrumentalizar missões futuras. O livro se centra sobre esse *corpus* visual, em grande parte ainda negligenciado pela historiografia, analisando-o, pela primeira vez, como um conjunto coeso que dialoga entre si. A autora parte do princípio de que tal conjunto deve ser tratado como “um grupo coerente de imagens didáticas, que compartilham o mesmo formato, temáticas e objetivos” (p. 9) e que em grande parte se diferencia de outros corpos imagéticos produzidos pelos europeus no contexto do colonialismo moderno.

Para analisar as imagens manuscritas de autoria dos capuchinhos na África, reproduzidas no livro em 72 pranchas, Fromont as divide em 4 grupos: o primeiro é constituído de um largo painel, preto e branco, em nanquim, atualmente integrado ao acervo do Museu Franceseano, de Roma, datado por volta de 1650 (prancha 1); o segundo reúne 67 aquarelas, denominadas de “Aquarelas de

Parma”, cujos autores não puderam ser identificados (pranchas 2-68); o terceiro e o quarto são compostos de 16 aquarelas que ilustram duas versões distintas – uma armazenada na Livraria Cívica de Turim, outra, no Arquivo do Vaticano – do manuscrito intitulado *Missione pratica*, escrito pelo padre Bernardino d’Asti, por volta de 1750 (pranchas 69-72 e figuras 19, 44, 58, 60, 73, 77, 78, 92-96). A maioria dessas imagens é inédita, sendo várias delas descobertas e identificadas por Fromont depois de intensa pesquisa em arquivos italianos. Como dito, sua análise salienta que esse *corpus* não encontra paralelo com as demais imagens produzidas por outras ordens religiosas e autoridades civis à época, que fartamente também ilustram o livro compondo um acervo imagético sem igual sobre o mundo centro-africano durante a modernidade. Ainda que marcado pelo olhar europeu, esse conjunto permite vislumbrar, de maneira inédita, o mundo africano que se descortinava frente aos olhos dos missionários capuchinhos.

Produzidas entre 1650 e 1750, as aquarelas analisadas foram desenhadas por religiosos veteranos após viverem um período de missão

no Congo e em Angola. Seu objetivo primeiro foi instruir os futuros novos missionários sobre o que deveriam saber e conhecer da África centro-ocidental, onde, em seguida, iriam atuar. Verdadeiros “guias práticos”, os desenhos apresentam a natureza, os povos e os costumes dos nativos e descrevem os métodos de catequização, essencialmente visuais, que os frades conceberam para a região a partir do contato que tiveram com os nativos africanos.

Para embasar seus argumentos, Fromont contrasta esse *corpus* imagético com um número significativo de imagens – são 106 figuras reproduzidas no livro. Um primeiro grupo é também de autoria dos outros capuchinhos, destacando-se as que ilustraram os manuscritos do padre Antonio Cavazzi de Montecucolo (1621-1678), o mais conhecido deles preservado na Biblioteca Araldi, em Módena, intitulado *Missione Evangelica al Regno del Congo*, que contém trinta desenhos aquarelados a cor em estilo primitivo. Outro, intitulado apenas *Istorica descrizione*, se encontra nos arquivos do Vaticano e é acompanhado de vinte aquarelas, mais aprimoradas do que as de Módena, mas menos eruditas do que as gravuras, impressas

em talho doce, produzidas pelos artistas italianos Federico Agnelli e Paolo da Lorena, para ilustrar a versão impressa dos escritos de Cavazzi, que foi publicada em livro, na Itália, em 1687, com o título de *Istorica descrizione de tre regni Congo, Matamba et Angola*. Essas gravuras, mais refinadas, seguiam a tradição europeia erudita de estampas e domesticaram as cenas de costume e da natureza africana, salientando o trabalho apostólico de evangelização dos missionários, em detrimento dos costumes e ritos gentílicos a serem banidos, temas que eram marcantes nas aquarelas originais. Cavazzi, a quem a autora dedica o capítulo 1, missionou na África centro-ocidental em duas ocasiões, entre 1654 e 1667 e de 1673 a 1677, tornando-se célebre por ter contado em seus textos a história da famosa rainha Njinga/Jinga/Ginga –dona Ana de Sousa Njinga Mbandi (1582-1663). Várias das imagens de Cavazzi já são conhecidas,<sup>1</sup> mas a autora repro-

1 Entre os estudos sobre a rainha e os manuscritos de Cavazzi que repousam na Biblioteca Araldi, destacam-se: Linda M. Heywood, *Jinga de Angola: a rainha guerreira da África*, São Paulo: Todavia, 2019; Linda Heywood e John K. Thornton (orgs.), *Njinga, rainha de Angola. A relação de Antonio Cavazzi de Monteculo (1687)*, Lisboa: Escolar Editora, 2013;

duziu pela primeira vez alguns de seus desenhos inéditos, como a que ilustra o bote no qual ele e outros missionários se salvaram depois que o navio que os levava para Angola, para sua segunda estada africana, naufragou na costa de Benguela.

Entre as gravuras impressas que vieram à luz no livro de Cavazzi, Fromont destaca a de autoria de Paolo da Lorena, que retrata Pungu a Ndongo, as Pedras Altas do reino do Dongo, situadas nas proximidades de Maopungo, um dos locais visitados pelo padre durante sua primeira estada em Angola, quando missionou no reino do Dongo. O religioso foi testemunha do que se passou durante o reinado do rei Ari ou Ngola Aiidi, que fora batizado pelos jesuítas com o nome de Filipe de Sousa ou Filipe I. Nela, além da impressionante fortaleza natural de pedra que se estende ao fundo, avista-se um nativo daquele reino e um missionário em animada conversação,

---

John K. Thornton, “A Description of the Manuscripts”, *John Thornton African Texts*, 2; Junia Ferreira Furtado, “O projeto editoria savant” in Junia Ferreira Furtado (org.), *Quebra-cabeça africano: como um embaixador português, um geógrafo francês, um escritor inglês e um pirata imaginário transformaram a cartografia da África e abriram as portas para o Imperialismo* (Belo Horizonte: Miguilim/Odissea, 2021), pp. 305-329.

posicionados no primeiro plano à direita, chamando a autora atenção de que a primazia do diálogo recai sobre o primeiro e não sobre o último. O nativo apoia-se relaxado em seu arco e aponta sua flecha para a maravilha natural que se estende a sua frente, revelando-a ao religioso. Segundo Fromont, o espírito que emana da imagem não é o conflito que frequentemente resultava da interação entre europeus e africanos (pouco depois que Cavazzi partiu do Dongo, deixando outro capuchinho encarregado da missão, o rei morreu e seu filho, dom João I, ao subir ao poder, em 1670, expulsou esse missionário e rompeu a aliança com os portugueses), mas confiança, que os capuchinhos consideravam indispensável para o sucesso de sua missão religiosa. Nessa perspectiva, o nativo é compreendido como um membro ativo da conversação, indispensável para que o religioso conheça a região, transite entre seu povo, apreenda seus costumes e transmita a religião católica da qual eram arautos.

A autora destaca que, a exemplo das aquarelas manuscritas dos capuchinhos que analisa, a gravura que retrata as Pedras do Ndongo compartilha com elas o fato de revelarem uma relação

de “interação entre povos locais e estrangeiros que não se baseiam em assimetrias de poder consistentes ou em situações de opressão e resistência” (p. 192). Para ela, essa e outras imagens dos capuchinhos representam e revelam que os nativos eram participantes ativos na construção do conhecimento sobre a natureza, os povos africanos, seus costumes e mesmo na forma de transmissão do credo católico. Para Fromont, as imagens que esses missionários criaram resultaram das suas experiências em África que, à diferença do que ocorreu com as demais autoridades europeias, ocorreram em diálogo com os africanos, resultando numa fusão discursiva-imagética que ela caracteriza como sendo uma “*poesis* transcultural” (p. 10).

Para ressaltar as mensagens de interação e de diálogo possível contidas nas imagens da África produzidas pelos capuchinhos, Fromont contrasta-as com um segundo grupo de imagens manuscritas e impressas produzidas no contexto da expansão marítima europeia, saídas da pena de outros religiosos, viajantes e autoridades coloniais. Ela revela que as últimas são marcadas pela negação da humanidade dos habitantes

dos mundos extra europeus, que aparecem retratados como selvagens incivilizados, o que marcou a análise de diversos estudos acerca dessa interação. É o caso do clássico trabalho de Tzvetan Todorov acerca do diálogo impossível estabelecido entre Cristóvão Colombo e os indígenas americanos, que têm sua alteridade constantemente negada pelo europeu,<sup>2</sup> o que, ela ressalta, difere da relação que os capuchinhos estabeleceram com os povos africanos centro-ocidentais.

As belas imagens dos capuchinhos, dispostas ao longo de todo o livro, abrangem um espectro amplo de temas. Um primeiro grupo abarca a paisagem e o mundo natural africano (flora e fauna), com destaque para vários espécimes vegetais, cuja novidade deveria ser apresentada ao público europeu por meio desses desenhos, ainda que a maioria deles tenha alcançado, à época, circulação restrita. Esses desenhos sublinham não o aspecto selvagem dos africanos que os europeus estavam habituados a ver nas imagens que costumeiramente circulavam entre eles, mas sua

2 Tzvetan Todorov, *A conquista da América: a questão do outro*, São Paulo: Martins Fontes, 2010.

indústria, revelada a partir da agricultura que praticavam. Um segundo grupo de imagens retrata os costumes e os ritos religiosos dos africanos e, ainda que vários deles sejam motivo de recriminação por parte dos religiosos, na maioria das cenas o que transparece é a interação simbiótica que se estabeleceu entre africanos e missionários. São os primeiros que guiam e ajudam os últimos enquanto circulam pelo território desconhecido para eles e mesmo quando encenam os ritos católicos. Nesse sentido, a autora dedica todo um capítulo ao papel desempenhado pelos mestres – nobres africanos que auxiliam os religiosos em sua tarefa missionária – e que aparecem retratados em várias dessas imagens. Fromont os apresenta não apenas como intermediários entre os dois mundos, mas como verdadeiros agentes no processo de produção do conhecimento que os capuchinhos construía sobre a África, o que transparece de suas imagens.

Sua abordagem metodológica inovadora para a história da arte propõe uma nova forma de olhar o encontro entre os povos nativos locais e os missionários capuchinhos, que postula que tais imagens foram

criadas não na simples negação do outro, mas no cruzamento entre as duas culturas – africana e europeia –, o que difere das outras imagens coevas de outros agentes apresentadas ao leitor, que são fortemente marcadas por um olhar eurocêntrico. Segundo Fromont, ao contrário da maioria dos encontros culturais envolvendo povos europeus e nativos, o conjunto imagético produzido pelos capuchinhos não resultou de um simples caso de hegemonia europeia. Apesar de terem sido executadas por padres italianos, em estilo italiano, com estilo e forma europeias, as aquarelas e as imagens produzidas por esses religiosos no Congo e em Angola não foram produtos de uma perspectiva única, mas resultaram de uma interação denominada por Fromont como um “encontro intercultural transversal e transcultural” (p. 11; 193). Dessa forma, a autora desnuda novas formas de compreender as interações globais estabelecidas por agentes europeus e extra europeus – nesse caso, os capuchinhos, durante sua ação missionária e as populações nativas da África centro-ocidental. É, por conseguinte, também uma nova forma de pensar as imagens criadas entre ambas as culturas, salientando

o papel formativo que o próprio encontro cultural desempenhou na sua concepção, na sua execução e nos seus modos de funcionamento.

Com formação em história da arte, Fromont revela tanto seu domínio desse campo metodológico, inovando-o, quanto sobre a história da África centro-ocidental, tema a que vem se dedicando desde 2014, e que resultou no seu primeiro livro, intitulado *The Art of Conversion: Christian Visual Culture in the Kingdom of Kongo*.<sup>3</sup> Seria de se esperar, no entanto, um maior diálogo, como convém à metodologia histórica, entre as imagens analisadas e os textos que capuchinhos e os colonizadores europeus produziram nesse contexto, pois as primeiras foram produzidas para acompanhar os segundos. Destarte, elas não falam apenas por si próprias, mas em interação com esses escritos, estabelecendo-se entre ambos uma relação de mão dupla, cada um influenciando, modificando e ajudando a interpretar o outro. O emprego mais recorrente dessa metodologia permitiria que a

autora matizasse uma de suas principais assertivas, segundo a qual “as imagens da África centro-ocidental dos capuchinhos emergem de um contexto social e político em que os frades agiam sob a demanda e sob o controle das populações locais, e não refletiam as ambições coloniais” (p. 5). Ainda que esse contexto tenha existido de fato, as missões dos capuchinhos estiveram a serviço do colonialismo português na região, o que transparece nos seus relatos, ainda que os religiosos-escritores e a *Propaganda Fide* acentuassem nas imagens e nos próprios textos o trabalho apostólico de evangelização dos missionários. Já a Coroa portuguesa, ainda que tenha experimentado uma relação nem sempre harmônica com os capuchinhos e com as demais ordens religiosas que atuaram no complexo Congo-Angola, sabia que as ações missionárias eram elementos estratégicos para garantir, de forma mais fácil e eficiente, sua aproximação e a conseqüente conquista dos povos locais. Os textos dos capuchinhos, como o de Cavazzi, por exemplo, descrevem vários momentos em que a consubstanciação dos dois interesses prevaleceu. Isso ocorreu, por exemplo,

---

3 Cécile Fromont, *The Art of Conversion: Christian Visual Culture in the Kingdom of Kongo*, Chapel Hill: Omohundro Institute of Early American History and Culture/ University of North Carolina Press, 2014.

quando esse religioso, depois de deixar Massangano, partiu para missionar no Libolo. Na ocasião, ele acompanhou uma expedição militar dos portugueses que se destinava à conquista desse reino, auxiliando essa empreitada com a tarefa missionária que ali empreendeu.

A despeito dessa crítica pontual, a abordagem decolonial realizada por Cécile Fromont, ao analisar as imagens produzidas pelos missionários capuchinhos na África centro-ocidental, transforma profundamente a nossa compreensão desse espaço e dos africanos que ali viviam. Suas análises e conclusões também ajudam a iluminar as interações e os embates vividos entre europeus e as populações nativas de outros continentes, o que será de grande interesse para os estudos do colonialismo no mundo moderno.

**Junia Ferreira Furtado**  

*Universidade Federal de Minas Gerais*

doi: 10.9771/aa.v0i70.65889